

OXIGÊNIO

MARÇO 2021

o

NÚMERO 19



O diálogo das formas de AMÍLCAR DE CASTRO
com as de ARTUR PEREIRA e GTO

O

EDITORIAL

Gentileza gera Gentileza, nos ensinou o profeta José Dadrino. E essa afirmação tão sábia cai como uma luva nos tempos atuais. Ótimo exemplo é o “*Craftivismo*”, movimento que mundo afora reivindica mudanças sociais de modo gentil, com resultados surpreendentes.

Duelos são dispensáveis. Mesmo no mundo das belas-artes que dialogam em perfeita sintonia com o artesanato, como se pode comprovar nas obras de artistas como Amílcar de Castro, Artur Pereira e GTO, que estabelecem uma conversa memorável – ainda que imaginada e infinita.

Nesse mundo gentil até as flores podem virar alimento e fazer com que nos reconectemos com a natureza.

Tem gente que dança e põe pra dançar. Tem gente que fotografa através de um processo novo e único, ressignificando objetos colecionados ao longo do tempo.

Tem arte no sertão! Tem casulos para relaxar. Tem beleza em toda a parte, como em Pirenópolis, GO, onde tradição e criatividade andam lado a lado.

Motivos para resgatarmos a gentileza no nosso dia a dia não faltam. Nessa edição há vários exemplos.

Boa leitura!

O ÍNDICE

04

OXIGENE: *V Bienal do Sertão de Artes Visuais*: inscrições abertas até 30 de junho
Acomodação em formato de casulo: glamour e integração à natureza
Grupo Corpo: De volta com quatro aulas online gratuitas

10

ARTE CONTEMPORÂNEA | ARTE POPULAR: A conversa (imaginada e infinita) entre Amílcar de Castro, Artur Pereira e GTO

16

GASTRONOMIA: Flores comestíveis – beleza e gastronomia para se reconectar com a natureza

18

EXPOSIÇÃO RJ: A poética da luz de Vicente de Mello em *Limite Oblíquo*

24

TURISMO: A encantadora Pirenópolis (GO), capital das joias artesanais em prata

30

DANÇA: *Ballet Stagium* – 50 anos de magia, consciência e encantamento

35

DIRETO DE LONDRES: A arte do protesto gentil

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradores: Antonella Kann e Marília Panitz

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

V BIENAL DO SERTÃO DE ARTES VISUAIS

Inscrições abertas até 30 de junho

Nesta edição a Bienal será online, com vernissage virtual no dia 1º de julho



Nas ruas, Eryl Emilio Almanza Torres, óleo sobre lienzo, IV Bienal do Sertão de Artes Visuais
Foto: Divulgação



Persona Workers,
Lynn Court,
algodão /
acrílico /
costuras,
IV Bienal
do Sertão
de Artes
Visuais

Foto: Divulgação

Criada em 2012, a *Bienal do Sertão de Artes Visuais* tornou-se um ambiente de reflexão pela valorização deste espaço geográfico tão proeminente e forte do solo brasileiro, carente de afirmação como valor cultural e de grandes possibilidades artísticas. Ocorre em cidades interligadas pelo Sertão e tem como objetivo incentivar, intercambiar e apoiar o desenvolvimento cultural e artístico dessa extensa área do país, ligando-a às bienais de renome no exterior.

O evento – nômade, itinerante, contemporâneo e de cunho histórico formativo –, propõe a realização de exposição, intercâmbio, residência artística e diálogos em artes visuais. Trata-se de uma mostra coletiva, com a exibição das mais variadas formas de expressão artística, entre as quais, escultura, fotografia, pintura, performance, videoarte, desenho, instalação, gravuras, novas mídias, além de projetos de arte e curadoria.

A *Bienal do Sertão* não tem fins lucrativos. O comissariado do evento atua de forma voluntária e colaborativa, com a inserção de apoiadores e artistas vinculados que têm a responsabilidade de reposicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção.

Objetiva a participação unânime de artistas de todas as localidades e nações, e da comunidade em geral, sejam produtores, público leigo, interessados, estudantes, estudiosos e etc., na interação recíproca de obras de arte.

A curadoria, definida a cada edição, é dividida em dois eixos básicos temáticos: histórico e contemporâneo, além de instituições e universidades parceiras convidadas. Com o propósito de dar visibilidade maior para o acervo de instituições museológicas locais, como material pictográfico e historiográfico, a bienal também é referência nas áreas social, cultural e educativa do país.

Para Denilson Conceição Santana, curador da Bienal, “*a mostra segue seu caminho atenta às vozes de artistas consagrados e de novos talentos. Dessa forma contribui, de modo efetivo, na discussão e problemática da vivência do homem no sertão e de suas peculiaridades*”.

Denilson (1972), natural de Cruz das Almas no Recôncavo baiano, é historiador, professor e curador. Como escritor realizou pesquisas, catálogos e livros importantes nas áreas de História, Filosofia e Arte Contemporânea.

Regulamento e mais informações em
<https://bienaldosertao.wixsite.com/bienaldosertao>



ACOMODAÇÃO EM FORMATO DE CASULO: GLAMOUR E INTEGRAÇÃO À NATUREZA

O novo projeto, concebido pelos proprietários do Parador, em Cambará do Sul/RS, apresenta design arrojado, mesclando linhas contemporâneas com detalhes rústicos. Desenvolvido pela Construtora Casa da Montanha ao longo dos últimos dois anos, adota o conceito de unique stays

As barracas foram construídas com estrutura de madeira de reflorestamento tratada, em curvas, o que trouxe um desafio maior para a implementação do projeto, mas o resultado é surpreendente. O glamour fica por conta do design de interiores, que traz elementos naturais, como galhos de árvores na cabeceira da cama e itens de decoração em madeira e palha, com destaque para uma luminária pendente feita em lã de ovelha pela artista Inês Schertel.

O nome “casulo” é uma metáfora de transformação, já que é um lugar onde os hóspedes poderão se isolar e se integrar totalmente ao ambiente. Ao todo, são sete, batizados com nomes de abelhas nativas, como Manducaia, Jataí e Guaraipo.

Cada casulo, de 24m², tem capacidade para até duas pessoas. Equipadas para dar o máximo de conforto ao hóspede, as unidades possuem *deck* privativo com banheira de hidromassagem e uma lareira ecológica para contemplar a bela vista dos Campos de Cima da Serra. Todas as barracas têm ar condicionado, lençóis térmicos, banheiro completo com *amenities by L’Occitane* e minibar com mimos cortesia.

“Colocamos toda a nossa criatividade neste projeto, e ficamos felizes com o resultado e a possibilidade de oferecer uma experiência diferente aos nossos visitantes”, comenta Rafael Peccin, diretor de marketing da Casa Hotéis. *“Trabalhamos com o conceito de unique stays, ou seja, tipos de hospedagem que só se encontra em lugares exclusivos, combinando o melhor de sofisticação e imersão junto à natureza”,* completa.

Os hóspedes dos casulos podem usufruir de toda a infraestrutura do *Parador* e dos serviços prestados pelo hotel, como a área social com sala de estar, lareira de pedras, bar e mesa de bilhar, além de um espaço de bem-estar com sala de massagens e tratamentos de beleza assinado pela grife francesa *L’Occitane* em Provence, único no Rio Grande do Sul.

A gastronomia é outro ponto alto do hotel. Comandado pelo *chef* Rodrigo Bellora, o restaurante *Alma RS – Cozinha, Natureza & Fogo* valoriza a gastronomia da região e traz o que há de melhor em cada estação, com ingredientes frescos.

Às quartas e sábados, o hotel oferece um tradicional churrasco preparado no fogo de chão, com cortes nobres acompanhado de delícias preparadas na brasa; aos domingos, um almoço campeiro com pratos típicos da gastronomia gaúcha.

Para quem quer desbravar a região, há vários passeios por terra, água e ar que podem ser adquiridos no momento da reserva ou diretamente no hotel. As opções incluem visitas aos Parques Nacionais e cachoeiras da região, cavalgadas na fazenda, passeio de quadriciclo, bicicleta e voos de balão, além de passeios panorâmicos de helicóptero sobre os cânions Fortaleza e Itaimbezinho.

SERVIÇO:

Parador Cambará do Sul

Acomodação em casulo:

diária a partir de R\$ 1.400, inclui café da manhã, chá da tarde e *welcome* mini-bar.

www.casahoteis.com.br

parador@casahoteis.com.br

reservas@casahoteis.com.br





GRUPO CORPO

DE VOLTA
COM
QUATRO
AULAS
ONLINE
GRATUITAS

Às sextas-feiras, dias 5, 12, 19 e 26, sempre às 19h, integrantes da Grupo Corpo comandam aulas de dança via Youtube, com movimentos inspirados nos balés da companhia

A ideia dos *workshops* nasceu com a série *Grupo Corpo de Plantão*, em 2020, pensada especialmente para os profissionais de saúde que enfrentam tensas jornadas na luta contra o coronavírus. O objetivo é oferecer exercícios que aliviem o estresse e proporcionar momentos de descontração e alegria com os passos dos bailarinos do grupo. Foram milhares de inscrições em poucos dias.

Com o sucesso dessa primeira iniciativa, interessados de todos os cantos do Brasil, das mais diversas profissões e de todas as idades pediram aulas. E o projeto não parou. Ao contrário: foi ampliado. Durante todo o ano de 2020, as oficinas online ministradas pelos bailarinos do *Corpo* se transformaram em uma forma lúdica de aliviar o estresse de todos.

E a companhia mineira de dança está de volta às plataformas digitais com uma série de *workshops* via Youtube. Não é necessário ser bailarino. Em cada aula, serão propostas sequências de movimentos simples, preparados para que todos consigam acompanhar e dançar, com as trilhas sonoras dos balés, especialmente criadas para o grupo como *Parabelo* (Tom Zé e José Miguel Wisnik), *Benguelê* (João Bosco), *Onqotô* (Caetano Veloso) e *Suite Branca* (Samuel Rosa).

Para a Companhia, “a ideia é dançar, relaxar, divertir cabeça, corpo, membros e espírito: um abraço à distância feito de alegria e movimento”.

GRUPO CORPO

Workshop online gratuito

Sextas-feiras – dias 5, 12, 19 e 26, às 19h
no Youtube

www.youtube.com/grupocorpooficial

As inscrições poderão ser feitas em

www.grupocorpoplay.com.br/workshop



José Luiz Pederneiras / Divulgação

A CONVERSA (imaginada e infinita) ENTRE
AMÍLCAR DE CASTRO, ARTUR PEREIRA E GTO



Amílcar de Castro Coleção Márcio Teixeira
Foto: Vicente de Mello

Marília Panitz*



À esquerda, Artur Pereira; à direita, GTO
Ambas da Coleção Márcio Teixeira
Fotos: Fernanda Teixeira

Quando o Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília abriu suas portas, em outubro de 2000, duas exposições entraram em cartaz. Do lado externo do prédio de Niemeyer – que então abrigava o centro de formação do Banco – uma bela mostra das esculturas de Amílcar de Castro (produzida por Evandro Salles e curada por Ronaldo Britto) nos levava a preencher aquela ausência que gritava nas áreas públicas de Brasília, cidade-museu a céu aberto.

A única galeria existente na época recebia o recorte de Arte Popular da mega mostra *“Brasil + 500”*, exibida completa no prédio da Bienal de São Paulo, nas comemorações dos 500 anos do país. A proposta curatorial foi desenvolvida por Emanuel Araújo e Frederico Pernambucano de Mello.



Folder da ação educativa das exposições *Esculturas de Amílcar de Castro e Brasil + 500*

Foto: Divulgação

Ao propor ação educativa nas duas mostras, eu e Renata Azambuja sugerimos percurso que alinhavasse duas das manifestações maiores do pensamento estético brasileiro contemporâneo, um marcado pelo seu tempo e comprometido com ele, o outro atemporal, inscrito em uma linha de transmissão da tradição, sempre atualizada. O material gráfico que acompanhava a ação era um *folder* sanfonado que produzia uma leitura circular: de um lado o escultor das formas simples e sofisticadas, de outro o universo narrativo do Brasil profundo. Um ou outro, um e outro, um. Em conversa com o artista, na ocasião, ele apontou a proximidade entre as duas mostras.

Em 2017, visitei o colecionador Márcio Teixeira, acompanhando Daiana Dias, para ver duas de suas coleções: a de obras de Amílcar de Castro – da qual ele é certamente o maior colecionador – e a de arte popular. Em uma imersão nesses dois universos, descobri uma nova aproximação. Márcio me contou que Amílcar havia falado de um desejo de colocar sua obra tridi-

mensional em contato/contágio com as de artistas populares como Artur Pereira, por quem ele tinha grande interesse.

A visita se deu em função de uma série de exposições sobre acervos de grandes colecionadores brasileiros atuando fora do eixo Rio-São Paulo, organizada pela *Produtora 4Art* para os Espaços Culturais dos Correios.

Eu já tinha sido curadora – com Mariza Mokarzel e Polyanna Morgana – da Exposição *“Vértice”*, em torno da coleção de arte contemporânea brasileira de Sérgio Carvalho, em 2015 e 2016. Com o desmonte, na área da cultura, o projeto com as obras reunidas por Teixeira deixou de ocorrer e desdobrou-se em outros, para o centenário de Amílcar de Castro, em 2020 (adiados em função da pandemia).



Banco indígena da Coleção Márcio Teixeira

Foto: Fernanda Teixeira



GTO, Coleção Márcio Teixeira
Foto: Fernanda Teixeira

Assim, começou a desenhar-se o contorno desse diálogo proposto pelo artista: as formas de Castro em relação direta com as de Pereira e GTO (acrescido de um desejo de trazer, para esta conversa, o conjunto magnífico da coleção de bancos indígenas agrupado pelo colecionador).

Mas o que efetivamente havia em comum entre os artistas? Como o mestre dos cortes e dobras, da ausência de qualquer evocação narrativa (nem mesmo em possíveis títulos) conversava com as sequências de ações nas colunas de Artur Pereira e nas estruturas circulares ou gradeadas de GTO? Ou com essa concretização coletiva do imaginário que permeia a cultura autóctone brasileira, em que a geometria se apresenta plenamente?

Amílcar conta que, nos anos 1960, levou Hélio Oiticica para suas primeiras visitas ao morro da Mangueira. HO mergulhou no universo da Escola de Samba capturando, da arquitetura da favela, a base para seus *Penetráveis*, assim como da dança da Escola, a de seus *Parangolés*. Estava aí um apagamento de fronteiras classificatórias do fazer artístico, que marcaria a produção contemporânea de arte.

“Foi assim: tinha um amigo meu que era diretor da Mangueira. Ele me procurou para dizer que a escola estava quebrada, sem dinheiro, e pediu para que eu ajudasse. O tema do desfile daquele ano era “Preto Velho”. (...) Um negócio incrível: Carnaval é Carnaval. Pensei em pintar um dos painéis de verde. E pensei: esse verde, só chamando o Oiticica. Ele veio e pintou o verde. E ficou encantado com a Mangueira, virou passista da escola.” (A. de Castro, em entrevista à *Folha de São Paulo*, “Cortar o Ferro | Dobrar o Ferro”).



À esquerda, Artur Pereira; à direita, GTO; ambas da Coleção Márcio Teixeira
Fotos: Fernanda Teixeira

Já para um artista como ele, para quem o embate com a matéria e a manutenção de suas características intrínsecas é a base do trabalho, o reconhecimento da aproximação com o saber da tradição parece incidir sobre a questão da forma como estrutura da narrativa, na Arte Popular. É nela que os dois grandes artistas de Cachoeira do Brumado e Divinópolis, com quem ele revela o desejo de diálogo (é mesmo uma conversa

entre mineiros), assentam sua narrativa – infinita, porque espiralada em um e circular no outro. Há algo em suas obras que aponta que figuração sequencial e forma são inalienáveis, estruturais, complementares.

No caso de Artur Pereira, esta lógica se apresenta nas colunas, mas também está presente em suas esculturas de animais isolados. Nelas, há o mínimo (essencial) de

informação de sua anatomia (tudo que é necessário para os nossos olhos). Nas superfícies, a matéria-prima se apresenta. Parece haver o desejo de que o fruidor não perca a noção de que ali há representação, vocabulário que alimenta a imaginação, construído na madeira.

Em GTO, existem esses espaços superpovoados, submetidos aos contornos que fustigam nossos olhos entre a identificação e a leitura de um padrão (estampa) que torna o relevo, superfície, em um efeito de *trompe l'oeil*. Em suas formas circulares – suas “Rodas Vivas” –, mas também em suas estruturas geométricas de referências arquitetônicas ou religiosas, esse efeito de quase abstração das figuras humanas se repete. A leitura é de conjunto, bloco... O que se destaca daí são... as correntes.

O aço corten de Amílcar de Castro apresenta-se para o diálogo desvelando a superfície... e a inserindo no universo tridimensional e da criação de espaço para o humano, pela linha de corte, pelo volume criado pela dobra e sua expansão pela ação de luz e sombra. Se nos dois interlocutores reivindicados há um jogo entre o olhar e o corpo que se desloca, aqui há a experiência radical da penetração física para que os olhos encontrem os detalhes...

Experiências que se aproximam, pensamentos justapostos... essa conversa infinita... talvez como aquela outra que nos propõe Maurice Blanchot, dedicada a Georges Bataille, sua “palavra plural”. (BLANCHOT, *Conversa Infinita*, 2001).

*Marília Panitz é curadora independente e professora



Artur Pereira,
Coleção Márcio Teixeira
Foto: Fernanda Teixeira



Amílcar de Castro, Coleção Márcio Teixeira Foto: Vicente de Mello



Foto: Divulgação

FLORES COMESTÍVEIS: beleza e gastronomia para se reconectar com a natureza

A apresentação de um prato faz toda a diferença, mesmo que seja aquela combinação simples do dia a dia, já que antes do sabor, são os olhos que têm que ser conquistados. Num mundo que se volta cada vez mais para o natural, as flores comestíveis, como o amor-perfeito ou a capuchinha, têm atraído a atenção

de chefes criativos e dão um toque *gourmet* até aos pratos feitos por cozinheiros de final de semana.

O coordenador de Qualidade de Sementes da *Agristar do Brasil* – uma das maiores empresas do país na produção e comercialização de sementes de hortaliças e

frutas – e engenheiro agrônomo, Carlos Formoso, explica que no caso das flores comestíveis, o importante é saber quais flores conciliam beleza e sabor e, principalmente, de onde elas vêm. *“Certamente não servem as compradas em floricultura, devido ao forte uso de defensivos químicos. Tampouco as ‘encontradas por aí’. Para estar totalmente seguro, o melhor é comer flores que você mesmo cultivou a partir de sementes ou de empresas especializadas no ramo. Só com elas você tem certeza da ausência de contaminantes, e ainda sente o enorme prazer de praticar jardinagem”.*

As flores, além de tudo, fazem muito bem para a saúde. A capuchinha, por exemplo, é considerada uma planta medicinal com inúmeras funções, inclusive as de combater a depressão e ajudar na cicatrização de feridas. A maioria das flores comestíveis contém antioxidantes, como a vitamina C, flavonoides e antocianinas. Para

saber qual contém o quê, basta observar as cores: amarelo e vermelho indicam a presença de carotenoides; azul, roxo, lilás e vermelho estão ligados às antocianinas.

MUITAS OPÇÕES

Estas e muitas outras variedades de flores comestíveis estão presentes na linha *Topseed Garden*, disponíveis nos envelopes *Tradicional*, linha econômica, e *Blue Line*, com variedades especiais e maior quantidade de sementes, que trazem dicas de cultivo para cada tipo de produto e um *QR Code* que possibilita a consulta à ficha do produto e ao portal da empresa, onde há mais informações.

Confira as informações das variedades disponíveis em <https://agristar.com.br/topseed-garden>

Acesse www.plantoterapia.com.br e saiba mais!

Foto: Divulgação



A poética da luz de VICENTE DE MELLO em “LIMITE OBLÍQUO”

*A nova exposição do fotógrafo
– que tem sua trajetória no
campo artístico marcada pela
reflexão das possibilidades
de configuração da linguagem
fotográfica – acontece no
Paço Imperial, Rio de Janeiro,
até 25 de abril*



Work in progress

Foto: Aldones Nino

Vicente de Mello | Limite Obliquo reúne 44 trabalhos inéditos em fotografia digital, realizados em casa, durante o período de isolamento social. As imagens capturadas ratificam o olhar instigante e poético de Vicente de Mello, que tem o dom de ressignificar objetos promovendo um mergulho no imaginário de quem os vê. Nada é óbvio em suas fotografias, nem o título de cada uma de suas obras. A mostra inclui ainda a obra *Ressaca* da série *Monolux*.

– Seus trabalhos se desenvolvem a partir de elementos de fabulação do universo que o circunda, recortando perspectivas imaginárias que tornam-se convites a uma deambulação ficcional – afirma Aldones Nino, curador da mostra. *A fotografia e sua história recente são marcos citados e comentados por Vicente, quando reinterpreta as estéticas e o subjetivo dos processos fotográficos como condição de sua criação, incluindo as possibilidades de expansão da linguagem fotográfica para o ambiente.*

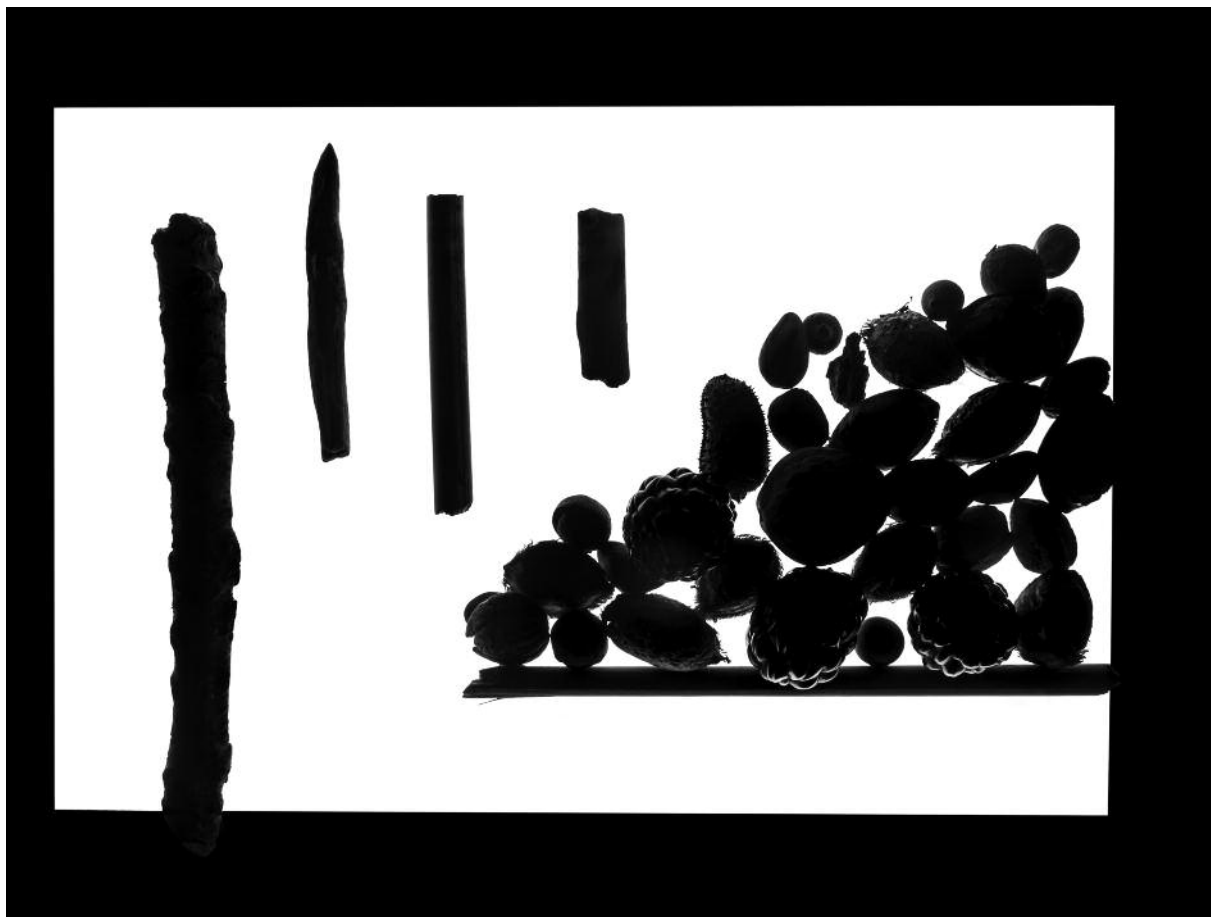
Adepto do colecionismo, Vicente desenvolveu uma técnica de arquivo que reelabora o objeto em si, propondo novos diálogos formais, como explorado nas séries *Lapidus* ((2014-2019)), moldada a partir de sua coleção de pedras; *Monolux* (2017-), formada por sua coleção de *objet trouvé* e *Diluições Instantâneas* (1990-2020), idealizada com sua coleção de polaroids.



Collodi



Baltrop



Operários

Em *Limite Obliquo*, sua coleção de sedimentos de ressacas, coletados na praia de Itacoatiara, Niterói, geraram imagens que têm sua gênese ligada ao impacto de eventos meteorológicos extremos sobre o oceano, que se reordena em manipulações poéticas.

Vicente mantém o hábito de coletar e guardar objetos desde a infância. – *Sempre tive vontade de deter por perto as coisas que me instigam, que me atraem. Essa*

coleção, por exemplo, começou quando eu tinha três anos, época em que meus pais compraram um terreno em Itacoatiara, e me vi fascinado com as conchas, galhos e outros objetos de formas interessantes que encontrava na praia após as ressacas do mar – revela.

Limite Obliquo é resultado dessa memória guardada há tantos anos. Recluso durante a pandemia, período definido por ele como “*momento de espera*”, imergiu



Ressaca, Série *Monolux*

Pangeia



em seu trabalho e resolveu dar vida aos sedimentos utilizando sua mesa de luz. Ele conta que pegou a caixa com os sedimentos e foi colocando um a um sobre a mesa, fotografando as imagens com a luz que vinha de baixo para cima. Cada peça fotografada foi colocada em uma outra caixa. Quando acabou esse primeiro processo, recomeçou um segundo, tirando os sedimentos já fotografados da segunda caixa para remontar outras possibilidades. Um a um todos voltaram para a caixa original.

– *Tudo foi feito ao longo de duas noites* – afirma Vicente, ao revelar que não tinha ideia de qual seria o resultado das imagens criadas contra a luz, o inverso do fotograma. Ao final, um universo de sombras e alegorias. – *Um cosmos de imagens com sedimentos reconfigurados pelos contrastes formados pela obstrução da luminosidade* – esclarece.

– *As séries de Vicente de Mello versam sobre elementos e características do meio fotográfico como a luz, a câmera obscura e as possibilidades de enquadramento, tensionando e subvertendo as possibilidades expressivas da linguagem fotográfica. Suas contribuições no desenvolvimento da história da fotografia se expressam ao longo de suas três décadas de carreira* – diz o curador.

Sobre *Limite Obliquo*, exposição apresentada pelo Governo Federal, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Aldir Blanc, Aldones explica que a posição da luz é invertida através da mesa como ponto luminoso, onde as ruínas da ressaca impedem que a luz chegue à lente da câmera digital. – *Uma inversão similar a que ocorreu na produção de Oswaldo Goeldi, que inicialmente realiza desenhos a carvão,*

grafite e nanquim, em sua maioria riscos pretos sobre fundo branco, e após o uso da xilogravura passa a contornar as imagens como um clarão aberto nos veios da madeira em contraste com a superfície escura, registrando incisões de luz como em Felino (1935) e Do fundo do mar (1955).

– *O trabalho de Vicente começa a dar vida ao refugo do mar, que é nomeado, adquirindo contornos vívidos, pas-*



Panorâmica da exposição

seios por um horizonte que incluem personagens distintos, narrativas da antiguidade clássica, referenciais históricos e geográficos, além de alusões à proto história – conclui Aldones.

A montagem de **Limite Oblíquo** também é singular. – *É um jogo visual que remete ao movimento das marés: quando o mar se retrai leva o que encontra na orla; quando volta, devolve à areia o que encontrou – afirma Vicente.*

SERVIÇO

EXPOSIÇÃO:

VICENTE DE MELLO | LIMITE OBLÍQUO

Período:

de 25 de fevereiro a 25 de abril de 2021

Curadoria: Aldones Nino

Produção: Rodrigo Andrade | AREA27

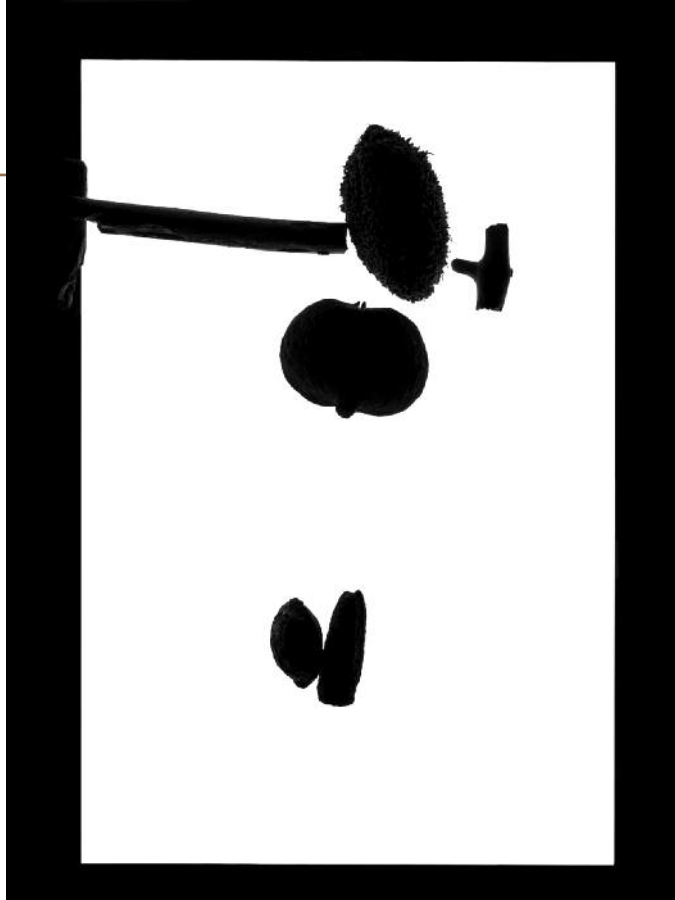
Local:

Paço Imperial – Praça XV de Novembro, 48

Horários: De terça a sexta das 12h às 18h

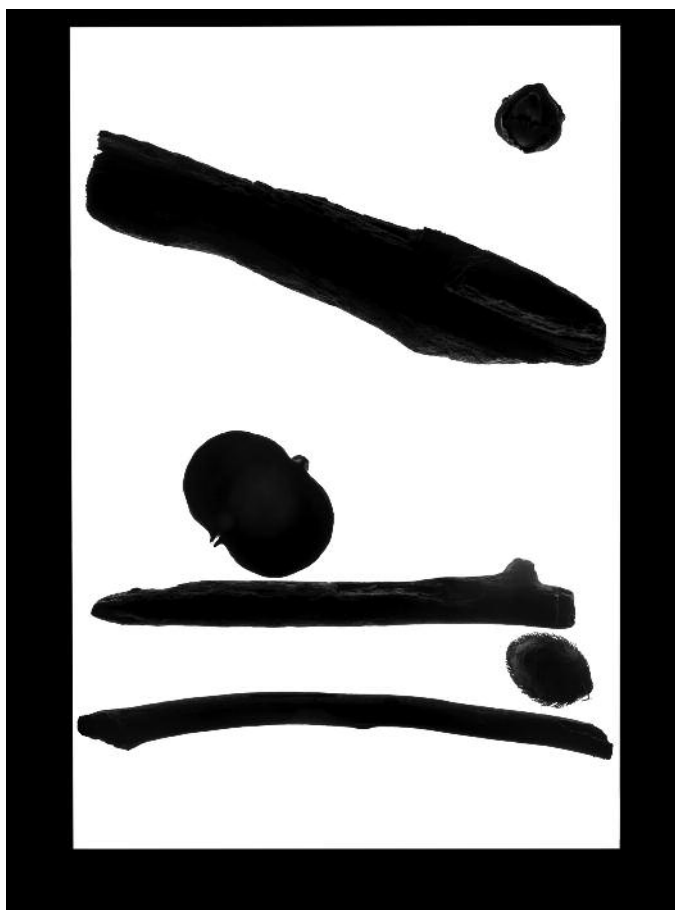
Finais de semana e feriados das 12h às 17h

Além da mostra, estão programadas visita guiada e palestra com o artista e o curador, publicação bilíngue, em formato digital, e entrevista disponibilizada em sítio eletrônico, com tradução em libras e legendas em inglês.



Modelo Vivo

Lorenzato





Biojoia da Magia da Prata

Foto: Instagram

A encantadora Pirenópolis (GO), capital das joias artesanais em prata

Tombada pelo Patrimônio Histórico, a cidade colonial oferece ótima infraestrutura turística, além de eventos culturais como a Festa do Divino Espírito Santo e as famosas Cavalhadas, que simbolizam a luta travada entre mouros e cristãos no século 800 d.C.

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Uma das características mais marcantes do povo goiano é a sua hospitalidade: prova disso é que as portas das suas moradas costumam ficar sempre abertas, dia e noite, como um símbolo de boas-vindas tanto para os forasteiros quanto para pessoas conhecidas.

Pirenópolis, localizada a 140 quilômetros de Brasília, é uma encantadora cidade colonial de pouco mais de 20 mil habitantes, que se destaca como a capital das joias artesanais em prata, além de ser conhecida como a região onde florescem as cachoeiras mais famosas do estado de Goiás. Por outro lado, oferece uma infraestrutura turística extremamente atrativa, com um leque

de restaurantes excelentes, pousadas cheias de charme – aninhadas em imponentes casarões de época restaurados –, antiquários, lojinhas de artesanato, brechós e um comércio repleto de produtos caseiros oriundos dos arredores, com destaque para a imensa variedade de marcas de cachaça artesanal.

Tombada pelo Patrimônio Histórico, essa antiga vila de mineração também ganhou fama por se tornar o palco de vários eventos culturais e esportivos, que se realizam ao longo do ano. No calendário, constam desde festas literárias a competições de corrida e *mountain bike*, principalmente nos meses de inverno (junho e



agosto). No entanto, embora seja pouco difundido, um dos acontecimentos mais expressivos do folclore brasileiro é o da *Festa do Divino Espírito Santo*, que ocorre sempre 40 dias após a Páscoa, e culmina com o tradicional evento das *Cavalhadas* – a encenação da batalha histórica que simboliza a luta travada entre mouros e cristãos no século 800 d.C.

O evento, que mobiliza quase todos os moradores, perde um pouco daquela calma deliciosa para dar lugar ao tilintar dos cortejos, jogos, ensaios a céu

aberto e desfiles de cavaleiros, que assolam as ruas de paralelepípedos.

Introduzido em 1826, o ritual das *Cavalhadas* se mantém firme, principalmente porque os primeiros colonizadores de Pirenópolis eram, em sua maioria, portugueses que migraram do norte daquele país, ou seja, de uma região outrora famosa por resistir com afinco à invasão moura. Durante os três dias das *Cavalhadas*, outros personagens roubam a cena: os extravagantes *Mascarados*, com suas fantasias ousadas e máscaras de



Cachoeira do Abade

Foto: Nevinho / Wikipédia



Igreja Matriz do Rosário

Foto: Antonella Kann



Centro Histórico

Foto: Marcos Vinicius Ribeiro dos Santos / Wikipédia



boi criativamente assustadoras, que pipocam em todos os cantos da cidade, perturbando alegremente o ambiente e arrancando risos e ovações.

Emoldurado pela Serra dos Pirineus, o cerrado não carece de terrenos oportunos para a prática de atividades ao ar livre, e se tornou um dos locais prediletos dos adeptos de *mountain bike*. Basta se afastar cerca de 20 quilômetros do centro histórico de Pirenópolis, por uma estrada rural, para se deparar com cenários verdes deslumbrantes, onde a natureza está totalmente preservada. As trilhas são ideais para longas caminhadas, e durante estes bucólicos passeios os turistas são brindados com a fartura das cachoeiras, que brotam entre as formações rochosas para o deleite de todos.

De volta à vida urbana, a cidade contenta igualmente quem aprecia a arquitetura colonial e pretende explo-

rar tudo a pé, que é de fato o melhor meio de locomoção para observar de perto os encantos de um estilo de vida que só persiste numa típica cidade do interior. Algumas paradas são mandatórias na agenda de qualquer turista: descer e subir as ladeiras do centro histórico para conhecer o trabalho dos artesãos de prata que abrem seus ateliês ao público; perder bastante tempo nas simpáticas lojinhas que vendem peças de cerâmica, esculturas em madeira, máscaras e todo tipo de artesanato goiano; admirar os detalhes dos belos casarões coloniais com as cores vivas de suas fachadas e, claro, degustar pelo menos alguns rótulos caseiros na cachaçaria de “*Seo Rosa*”. Sem esquecer de experimentar a gastronomia local, escolhendo um dos bons restaurantes para almoçar e jantar como um Mouro – ou um Cristão. Só depois de tudo isso é que você pode se gabar de ter conhecido a verdadeira essência de Piri.

COMO CHEGAR

Pirenópolis fica a 140 km de Brasília pela BR 070, seguindo depois pela GO 225. As estradas são muito boas.

www.pirenopolis.go.gov.br

CAVALHADAS (23 A 25 DE MAIO)

De domingo a terça, o espetáculo se realiza ao ar livre, dentro de uma arena chamada *Cavahódromo*, com entrada franca. Os cavaleiros que representam Mouros e Cristãos, trajados respectiva-

mente de vermelho e azul, saem de suas casas pelas ruas da cidade, em cortejo atrás do “Rei” até se reunirem defronte à Igreja do Bonfim. Em seguida, seguem para o “Cavahódromo”. A encenação começa com a entrada frenética dos Mascarados e suas montarias fantasiadas; depois tem início a “batalha”. O espetáculo culmina com a derrota dos Mouros.



A PÉ PELAS RUAS DE PARALELÉPIDOS DE PIRENÓPOLIS

Rua do Lazer

Este simpático logradouro, uma rua estreita localizada na parte baixa de Piri, concentra os principais bares e restaurantes da cidade, além de ser o ponto de encontro da boemia. Ali, nos finais de tarde, você vai para ver e ser visto, aproveitar para sentar e relaxar numa das mesas que adornam a calçada, tomar um chope ou um gole de cachaça enquanto aprecia o belo por do sol que vai escoando por detrás dos telhados coloniais.

Rua Direita

Assim como a Rua do Lazer, é inteiramente ladeada por casarões típicos, todos restaurados e de uma beleza arquitetônica impressionante. Ostentam belas fachadas, escadarias, janelas coloridas e um quê de nostalgia que relembra a essência do seu passado colonial. Também podem ser encontrados nessa rua alguns ateliês de prata, com criações exclusivas e preços atraentes, além de uma das pousadas mais bem localizadas e luxuosas de Piri, *O Casarão Villa do Império* (nº 79), cuja estrutura aconchegante conta com piscina, um pequeno jardim e apenas 11 suítes decoradas individualmente com móveis coloniais.



Rua do Rosário

Nenhuma caminhada por Pirenópolis se completa sem perambular por essa rua que abriga o duplê de antiquário com restaurante, *O Bacalhau da Bibba* www.atur.com.br/pirenopolis/bacalhau-dabiba), cuja fama de seu carro-chefe, preparado e gratinado com esmero, já extrapolou as fronteiras de Pirenópolis para ganhar reputação nacional. A visita ainda fica mais interessante quando o comensal se dá conta de que pode adquirir tudo que está à mostra – dos talheres aos móveis espalhados pelos diversos ambientes deste casarão. Atravessando a rua, o número 17 é o da *Cachaçaria "Seo" Rosa* (tel. 62 3331-2046) onde, nas prateleiras, repousam cerca de 80 rótulos de cachaça, todos oriundos dos alambiques da região.

PASSEIOS

Cachoeiras

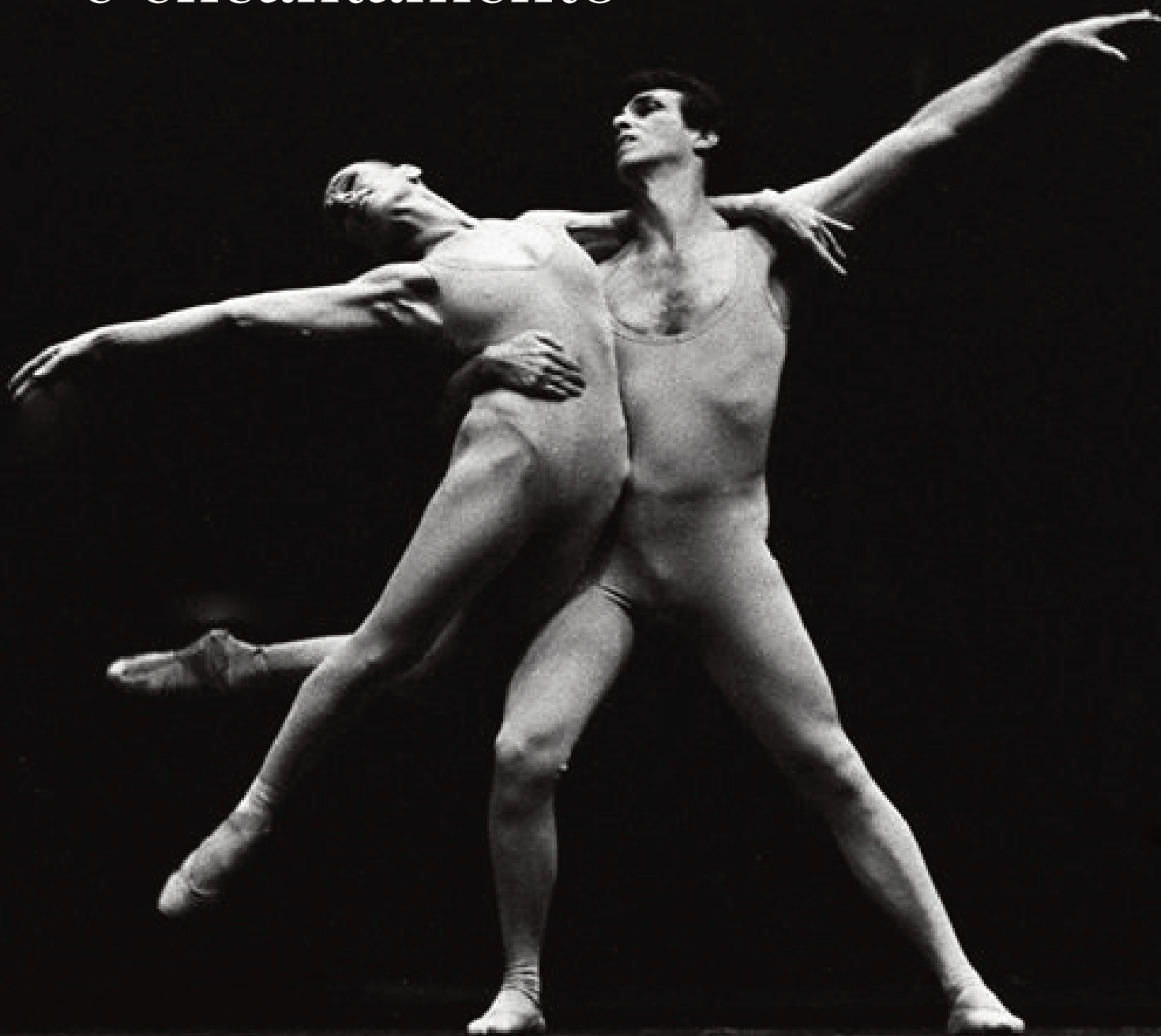
A natureza foi generosa na região dos Pirineus: são mais de uma dezena de cachoeiras que podem ser visitadas mediante uma taxa de entrada. Com excelente estrutura turística, a *Cachoeira do Abade*, a 17 quilômetros de Pirenópolis, tem uma prainha e até restaurante. A *Cachoeira dos Dragões*, que engloba outras oito quedas d'água, todas apropriadas para o banho, está a 40 quilômetros de distância. Lá se pode ainda visitar um autêntico mosteiro budista. A 12 quilômetros fica a *Cachoeira do Lázaro*, que também tem praia.

ONDE FICAR

Não faltam opções simpáticas e charmosas para se hospedar em Pirenópolis, mas a localização do *Pouso do Frade*, (Bonfim, 37 (tel. 62 3331 1046) numa rua arborizada e tranquila um pouco afastada do burburinho do centro histórico, garante mais privacidade. No *Pouso do São Vigário* (Rua Nova, 25 (tel. 62 3331 1206), prefira as suítes que dão para o jardim interno, pois são menos vulneráveis ao barulho da rua. Ambas têm piscina.

www.pousadaspirenopolis.com.br

BALETT STAGIUM: 50 anos de magia, consciência e encantamento



“O Canto da Minha Terra”, com músicas de Ary Barroso, foi a peça escolhida para o espetáculo de comemoração

As duas apresentações, que ocorrem nos dias 20 e 21 no Teatro J. Safra (SP), inauguram a temporada do cinquentenário da Companhia que mudou o conceito da dança no Brasil. Criado por Márika Gidali e Décio Otero, em 1971, durante o governo militar, jamais se intimidou com a censura imposta às manifestações artísticas da época e decidiu percorrer um caminho desafiador, valorizando, através da dança, a realidade em que viviam os brasileiros.

Hoje, 50 anos depois, mantém-se fiel na determinação de exibir as questões nacionais através de uma lin-

guagem corporal que fala para a humanidade. Utilizando vertentes universais da dança com aspectos tipicamente brasileiros, o *Stagium* conquistou um vasto público em todo o país, destacando o patrimônio histórico e cultural, com seus valores, costumes e raízes submersos no inconsciente coletivo.

As coreografias de Márika e Décio são marcadas pelo talento e singularidade. Eles dançam o Brasil real com a exuberância da sua diversidade, a partir das inúmeras viagens que fizeram pelo país vivenciando a realidade do povo, descobrindo suas peculiaridades, interagindo e trazendo para suas apresentações as suas histórias.

Em “O Canto de Minha Terra”, obra que foi exibida também na comemoração dos 45 anos da Companhia, Márika Gidali e Décio Otero mergulham na poética do universo sonoro de Ary Barroso, e dançam sob a constituição da identidade brasileira. *Aquarela do Brasil*, ícone da obra do compositor mineiro de Ubá, também cidade natal de Décio, é considerado praticamente um hino nacional. Um



O Canto da Minha Terra

Foto: Divulgação

bom momento para refletir o Brasil em sua complexidade social, histórica e cultural.

NOS PASSOS DA DANÇA

A trajetória do *Ballet Stagium* promoveu uma revolução na história da dança no Brasil. Foi a primeira companhia a utilizar trilhas sonoras da MPB, valorizando Pixinguinha, Waldir Azevedo, Geraldo Vandré, Chico

Buarque, Lamartine Babo, Ary Barroso, Lina Pesce, Cartola, Adoniran Barbosa, Cláudio Santoro e muitos outros. E grandes personalidades como Milton Nascimento, (Missa dos Quilombos), Egberto Gismonti (Pantanal), Wiliam Sena (O Homem do Madeiro), Aylton Escobar (Quebradas do Mundaréu), André Abujamra (Shamain) e Marcelo Petragli (Luminescência) criaram partituras originais para o *Stagium*.





Missa dos Quilombos

Foto: Emídio Luisi

Também foi pioneira ao sair dos palcos tradicionais das grandes cidades para percorrer o país, se adaptando a diferentes espaços, cenários e contextos possíveis, como pátios de escolas públicas, favelas, cinemas, praças, hospitais, igrejas, presídios, estações de metrô, praias e rios, palcos flutuantes, chão de terra batida e desfiles de escolas de samba.

O compromisso de colocar a arte em outro patamar, desenvolvendo projetos sociais e pedagógicos está no DNA do *Stagium*. Reconhecido nacionalmente por seu projeto de engajamento político, provoca reflexões sobre racismo, violência, opressões e genocídios. Uma de suas peças mais extraordinárias é *“Kuarup ou A questão do índio”*, criada em 1977. Absolutamente atual, a coreografia de Décio Otero faz uma crítica social à realidade indígena brasileira, ao som de uma trilha gravada na região do Xingu.

Outro feito memorável da Companhia foi a *Barca da Cultura*, em 1974, quando Máríka, Décio e o corpo de bailarinos realizaram apresentações sobre um tablado montado no convés da *Barcaça Juarez Távora*, percorrendo as cidades ribeirinhas do Rio São Francisco (de Pirapora a Juazeiro), a convite de Paschoal Carlos Magno.

A Companhia e a Academia funcionam, desde 1974, num grande estúdio na Rua Augusta, São Paulo, onde mantém um programa de pesquisa em várias linguagens de dança e produções inovadoras. Frequentemente artistas de diversos segmentos da cultura nacional ministram palestras e conferências à companhia, entre os quais Maria Bonomi (Artes Plásticas), Ademar Guerra (Diretor Teatral), Maurício Kubrusly (Música Popular), Helena Katz (História da Dança), Cássia Navas (História da Dança), Cacilda Lanuzza (Antropologia), Marilena Ansaldi (Teatro-Dança), Leda Alves (Cultura

Popular), Paulo Herculano (Músico) Oswaldo Mendes (Teatro) e Márcio Tadeu (Cenografia e Figurinos).

Cursos intensivos de férias com frequência de bailarinos, estudantes e professores de todo o Brasil também são promovidos no local, além de projetos que utilizam a dança como forma de integração social: *Dança a Serviço da Educação*, *Escola Aberta*, *Professor Criativo*, *Projeto Joaninha*, *Projeto Dança de Rua* e *Projeto Capoeira* (estes dois últimos nas unidades da antiga FEBEM), são alguns dos exemplos.

Indagados sobre as realizações da Companhia e o que pretendem para o futuro, Márika e Décio – que também comemoram 50 anos de casamento este ano – afirmam que se consideram privilegiados por terem criado as oportunidades de viver plenamente. E destacam que não olham para o futuro: – *vivemos o presente. Sorte daqueles que, como nós, conseguem aproveitar todos os momentos.*

Além da apresentação de *O Canto da Minha Terra*, para as comemorações dos 50 anos, o *Ballet Stagium* está em fase de montagem da nova obra, “*Fluorescência*”, projeto aprovado pelo PROAC, que além de São Paulo irá percorrer várias cidades do Estado.

Para Márika e Décio “*Fluorescência tem como matéria substancial o nosso tempo/espço presente, o colapso que vivenciamos. Nunca nos sentimos tão distantes e ao mesmo tempo tão unidos, e por outro lado, nunca nos sentimos tão distintos e ao mesmo tempo tão semelhantes. A palavra fluorescência advém do vocabulário da física, que significa a propriedade que certos corpos possuem de emitir luz quando expostas a radiações.*

Fluorescência estará revolvendo e redesenhando o presente, pois é nele que repousa exclusivamente a nossa existência”. – É TEMPO DE FALAR DE FLORES, conclui Márika.

FICHA TÉCNICA

Ideia e Coreografia: Décio Otero

Direção Teatral: Márika Gidali

Música: Ary Barroso

Trilha Sonora: Décio Otero

Música Incidental e Edição: Aharon Gidali

Narração: Oswaldo Mendes

Iluminação e sonorização: Aharon Gidali

Maitre de Ballet: Rafael Panta e Iryna Kosareva

Bailarinos: Eduarda Julio, Leila Barros, Tatyane Tiere, Adria Sobral, Nathalia Cristina, Gabriela Bacaycoa, Marcos Palmeira, Eugenio Gidali, John Santos, Gustavo Lopes, Pedro Vinicius Bueno e Jonathan Santos.

Produção: Marika Gidali, Marcos Palmeira e Fabio Villardi

<http://www.stagium.com.br/>



Quebradas do Mundaréu

Foto: Emídio Luisi

A ARTE DO PROTESTO GENTIL

Maria Hermínia Donato



"Gentileza gera gentileza", frase mais conhecida de José Datrino, o Profeta Gentileza

Durmo pouco ou durmo muito, meu sono reflete a incerteza da pandemia com as diferentes mudanças no confinamento. Leio e assisto filmes varando a noite ou durmo com as galinhas para restaurar o corpo e a mente.

E foi numa dessas noites de insônia que assisti um programa na BBC, *Craftivism: Making a Difference* (*Craftivismo: Fazendo a Diferença*), e passei a noite lendo sobre o movimento, que de modo objetivo se resume em ações que partem da valorização do arte-



As Sufragistas

Reprodução

Os bordados, realizados como uma forma de despertar empatia para além das fronteiras, também foram utilizados pelas *Arpilleras Chilenas* (1973-90), que traduziram cenas cotidianas evidenciando a repressão da ditadura de Pinochet. Em 2013, o documentário *“Arpilleras: bordando a resistência”* mostrou a história de cinco mulheres brasileiras atingidas pelo alagamento de suas cidades pela construção de barragens.

O ato de bordar em público faz com que as pessoas se interessem e perguntem sobre o que se está protestando, diz Sarah Corbett, artesã que ensina sua abordagem de *“protesto gentil”* a indivíduos e organizações em todo o mundo.

Corbett nasceu numa família de ativistas; com três anos participava com os pais em passeatas de protesto. Em 2008, cansada de investir em campanhas ativistas que demandavam muito da sua personalidade introvertida, havia decidido *“guardar as chuteiras”*. Foi quando comprou um kit de artesanato de ponto cruz para costurar numa longa viagem de trem. E não parou mais.

Em 2009 criou o *Coletivo Craftivista* para reunir as pessoas que queriam participar dos seus projetos. Começou como um grupo local em Londres; agora é uma rede mundial de artesãos. Ao longo dos anos, Sarah percebeu que o artesanato pode ser uma ferramenta poderosa porque é uma forma de expressar valores políticos, sociais e culturais, neste mundo em constante mudança. Importante lembrar que as práticas artesanais foram historicamente subestimadas e consideradas *“trabalho feminino”*, não uma expressão de arte. No entanto, a partir dos anos 1960, o artesanato saiu da esfera doméstica e se tornou parte da esfera pública, através do trabalho emergente de artistas feministas. Hoje o craftivismo é um poderoso canal público de articulação de mensagens políticas, uma ferramenta capaz de realizar mudanças sociais positivas agora e no futuro.



Textura foto criado por freepik



Projeto "Marks and Spencer"
Reprodução



Projeto "Dare to Dream"
Reprodução



Projeto "Migration Blanket"
Reprodução

PROJETOS

Marks and Spencer – a loja de departamento se negava a pagar salário mínimo a seus empregados e Sarah Corbett escolheu como alvo os 14 membros do conselho, cinco diretores de investimentos dos maiores acionistas e cinco modelos da M&S. Recrutou um esquadrão de bordadeiras, comprou 24 lenços e pediu a cada uma delas para bordar uma mensagem que se adequasse a cada membro do conselho. O efeito foi surpreendente: todos comentavam sobre o presente que receberam e votaram a favor do salário mínimo para a empresa.

Dare to Dream (Ousar sonhar) – projeto que explora o poder da visualização positiva em efetuar mudanças e encontrar soluções para os problemas que nos cercam. Através de *workshops*, os participantes têm a oportunidade de pensar sobre as questões que são importantes para eles e como podem atuar como parte ativa para trazer mudanças positivas, tanto local quanto globalmente.

Salma Zulfiqar – Artista e ativista que usou o artesanato para ajudar uma comunidade de mulheres refugiadas costurando juntas a *Colcha Migratória (Migration Blanket)*.

Lauren O'Farrell, também conhecida como Deadly Knitshade – Artista fundadora da comunidade pioneira no mundo do tricô de graffiti, e autora publicada. Graffiti tricô ou tricô de guerrilha é a arte de usar itens feitos à mão com fios para criar arte de rua: o artesão cria uma peça usando tricô ou crochê, instala num lugar público e posta nas redes sociais. Alegria a cidade, provoca sorrisos na população e não exige muito trabalho para sua remoção.

Mesmo com progresso da igualdade de gênero e de empoderamento feminino (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), mulheres e meninas continuam a sofrer discriminação e violência. Para instigar uma discussão sobre a questão, artistas utilizaram a imagem da boneca Barbie com mensagens sobre desigualdade.

Projeto "Tricô de Graffiti"
Reprodução



Mas há situações em que os projetos são criticados, como foi o caso do *Pussyhat* e a *Marcha das Mulheres* (2017), por conterem as preocupações das mulheres brancas acima das mulheres transgênero, pessoas não binárias de gênero e mulheres negras.



Projeto "Pussyhat"

Reprodução

E NO BRASIL?

No Brasil temos múltiplas comunidades produtoras de artesanato espalhadas por várias regiões do país, além de importantes trabalhos de artistas contemporâneos como Bispo do Rosário, Leonilson, Hélio Oiticica, Leda Catunda, Ana Miguel, Brigida Baltar, Renato Bezerra de Mello, Rivane Neuenschwander e Ernesto Neto, entre

outros, que utilizaram e/ou utilizam técnicas artesanais como bordados e tricô.

Atualmente existem algumas iniciativas como *Fios e Ritos*, de Curitiba, *Coletivo Agulha* e *Projeto Ponto Firme*, ambos em São Paulo, e *Manifesto Craftivista*, de Lena Muniz.

Fato é que o *Craftivismo* soma-se a outras formas de arte capazes de propor à sociedade um diálogo aberto sobre questões que o mundo enfrenta, como desigualdades de gênero, controle de armas, relações trabalhistas e problemas ambientais.

O movimento cresce e o artesanato vive um momento de renascimento: Maria Grazia Chiuri, designer de moda italiana e diretora criativa da Dior, pesquisa antigas técnicas artesanais e as aplica na confecção de suas coleções de alta costura.

Outro destaque é o Museu *Whitney*, em Nova York, que apresenta *Making Knowing: Craft in Art (Fazendo Saber: Ofício na Arte)*, 1950-2019 (até fevereiro de 2022), com o propósito de questionar o conceito de "belas-artes" que marginalizou o artesanato ao longo da história. A mostra contém cerca de 80 trabalhos de mais de 60 artistas, incluindo Ruth Asawa, Eva Hesse, Mike Kelley, Liza Lou, Ree Morton, Howardena Pindell, Robert Rauschenberg, Elaine Reichek, Lenore Tawney, Shan Goshorn, Kahlil Robert Irving, Simone Leigh, Jordan Nassar e Erin Jane Nelson. Todos os trabalhos fazem parte do acervo da instituição.

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

OXIGÊNIO

revista

*Aqui você só encontra
notícias boas*

Seus clientes
ou sua empresa
tem boas notícias
para dar?

ALCANCE DA EDIÇÃO DE FEVEREIRO
Instagram e Facebook
81.383
Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868